



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO - UEMA
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LETRAS LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA, LÍNGUA
INGLESA E RESPECTIVAS LITERATURAS

TAÍS GUIMARÃES LIMA

**ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DA PERSONAGEM GENLY AI EM A
MÃO ESQUERDA DA ESCURIDÃO, DE URSULA K. LE GUIN**

CAXIAS - MA

2024

TAÍS GUIMARÃES LIMA

**ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DA PERSONAGEM GENLY AI EM A
MÃO ESQUERDA DA ESCURIDÃO, DE URSULA K. LE GUIN**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras Português, Inglês e Literaturas da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), *Campus Caxias*, para o grau de licenciatura em Letras Português, Inglês e Literaturas.

Orientadora: Profa. Ma. Alícia Dandara Tavares de Sousa Santos.

CAXIAS - MA

2024

L732a Lima, Taís Guimarães

Análise da construção identitária da personagem Genly Ai em a
mão esquerda da escuridão, de Ursula K. Le Guin / Taís Guimarães
Lima. __Caxias: Campus Caxias, 2024.

49f.

Monografia (Graduação) – Universidade Estadual do Maranhão–
Campus Caxias, Curso de Licenciatura em Letras Língua Portuguesa, Língua
Inglesa e Literaturas.

Orientador: Prof^a. Ma. Alícia Dandara Tavares de Sousa Santos.

1. Ficção científica. 2. Análise. 3. Gênero - Identidade. I.
Título.

CDU 82-3

TAÍS GUIMARÃES LIMA

**ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DA PERSONAGEM GENLY AI EM A
MÃO ESQUERDA DA ESCURIDÃO, DE URSULA K. LE GUIN**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras Português, Inglês e Literaturas da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), *Campus Caxias*, para o grau de licenciatura em Letras Português, Inglês e Literaturas.

Orientadora: Profa. Ma. Alícia Dandara Tavares de Sousa Santos.

Aprovado em: 19/08/2024

BANCA EXAMINADORA



Profa. Ma. Alícia Dandara Tavares de Sousa Santos (Orientadora)
Mestra em Literatura, Memória e Cultura (UESPI)
Universidade Estadual do Maranhão



Profa. Ma. Cláudia Maria Magalhães Motta
Mestra em Letras (UFPI)
Universidade Estadual do Maranhão



Profa. Ma. Lígia Vanessa Penha Oliveira
Mestra em Literatura, Memória e Cultura (UESPI)
Universidade Estadual do Maranhão

À minha mãe, que foi a principal motivação para eu nunca desistir, e à minha família, pelo constante apoio e incentivo.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de iniciar meus agradecimentos a Deus, que me abençoou até aqui e ouviu não só as minhas, mas também as orações da minha mãe. Falando nela, ela é uma guerreira incrível, e devo agradecê-la imensamente, pois nas inúmeras vezes em que pensei em desistir, foi ela quem me deu forças para seguir em frente. Minha maior felicidade será ver o sorriso orgulhoso dela ao ver sua filha formada.

Agradeço também à minha orientadora, cuja orientação foi fundamental para a conclusão deste trabalho.

Não posso deixar de mencionar meus irmãos, a quem sempre lembrarei de dizer que têm uma irmã formada — coisa típica de irmãos.

Meus padrinhos foram essenciais para que eu pudesse concluir a faculdade. Agradeço todo o apoio que me deram, além do lar que me proporcionaram para que eu pudesse viver durante esse período. Sinto uma profunda gratidão por eles.

Aos meus primos, que me apoiaram e torceram muito por mim, destaco meu primo Antonilson, meu motorista que muitas vezes se sacrificou sob o sol para me levar até a UEMA. Muito obrigada! Você contribuiu imensamente para que este momento se tornasse realidade.

Meu namorado merece meu sincero agradecimento, pois foi ele quem me apoiou nos momentos em que pensei em desistir. Ele conhece todos os desafios que enfrentei e as dificuldades que superei. Obrigada pelo seu apoio constante.

Aos meus amigos de curso, agradeço pela amizade e companheirismo. Com vocês, conseguimos facilitar muito essa jornada.

Por último, e não menos importante, agradeço a mim mesma. Obrigada, Taís, por nunca desistir, por superar muitos dos seus medos. No final, valeu muito a pena.

*“A única coisa que torna a vida possível é
uma incerteza permanente e intolerável:
não saber o que vem a seguir.”*

(Ursula K. Le Guin, 2014, p. 76)

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo principal examinar como o personagem Genly Ai de Ursula K. Le Guin constrói sua identidade de gênero em *A Mão Esquerda da Escuridão* (1969). Estudos de teóricos renomados, incluindo Stuart Hall (2006), Judith Butler (2008), Erving Goffman (1988), Darko Suvin (1979), Denys Cuche (1999), dentre outros, serão utilizados para embasar essa interpretação. O estudo examina como gênero e identidade são tratados na história de Le Guin, discutindo as complexidades da identidade de gênero de Genly Ai através da lente da performance e performatividade. As visões de Stuart Hall sobre identidade cultural na pós-modernidade, que oferecem uma avaliação crítica das dinâmicas e transformações da identidade nos tempos modernos, servem como base para a pesquisa. Judith Butler contribui com suas teorias sobre gênero e performatividade, que são cruciais para compreender a criação e expressão das identidades de gênero. O estudo examina as experiências, conflitos e metamorfoses de Genly Ai enquanto narra a história de seu desenvolvimento identitário. Discute como a identificação de gênero é relevante para a trama e como essa construção específica de identidade contribui para a conversa atual na sociedade sobre gênero e identidade. Ao enfatizar a importância das obras literárias que questionam e ampliam nossa compreensão de identidade e gênero, a pesquisa busca fazer uma contribuição substancial para nosso conhecimento desses problemas tanto na ficção científica quanto na cultura contemporânea.

Palavras-chave: ficção científica; análise; identidade de gênero.

ABSTRACT

The main objective of this work is to examine how Ursula K. Le Guin's character Genly Ai constructs his gender identity in *The Left Hand of Darkness* (1969). Studies by renowned theorists, including Stuart Hall (2006), Judith Butler (2008), Erving Goffman (1988), Darko Suvin (1979), Denys Cuche (1999), among others, will be used to support this interpretation. The study examines how gender and identity are addressed in Le Guin's story, discussing the complexities of Genly Ai's gender identity through the lens of performance and performativity. Stuart Hall's views on cultural identity in post-modernity, which offer a critical assessment of the dynamics and transformations of identity in modern times, serve as the foundation for the research. Judith Butler contributes with her theories on gender and performativity, which are crucial for understanding the creation and expression of gender identities. The study examines the experiences, conflicts, and metamorphoses of Genly Ai as it narrates the story of his identity development. It discusses how gender identification is relevant to the plot and how this specific construction of identity contributes to the current conversation in society about gender and identity. By emphasizing the importance of literary works that question and broaden our understanding of identity and gender, the research seeks to make a substantial contribution to our knowledge of these issues in science fiction as well as in contemporary culture.

Keywords: science fiction; analysis; gender identity.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 A FICÇÃO CIENTÍFICA E A CONTRIBUIÇÃO DA URSULA K. LE GUIN	13
2.1 Breve histórico da ficção científica como gênero literário.....	13
2.2 A Influência de Ursula K. Le Guin na Ficção Científica	16
3 IDENTIDADE	20
3.1 Identidade pessoal	21
3.2 Identidade Social.....	23
3.3 Identidade de gênero	25
4 IDENTIDADE DE GÊNERO NA OBRA A MÃO ESQUERDA DA ESCURIDÃO...30	
4.1 Análise da identidade de gênero de Genly Ai no desenvolvimento da história...31	31
5 CONCLUSÃO	46
REFERÊNCIAS.....	48

1 INTRODUÇÃO

A ficção científica é um gênero literário e cinematográfico que explora a especulação sobre futuros possíveis, avanços científicos e suas implicações sociais. Isaac Asimov (1984) descreveu a ficção científica como um gênero literário que explora como os seres humanos reagem às transformações provocadas pela ciência e pela tecnologia.

A Mão Esquerda da Escuridão (1969), da escritora estadunidense Ursula K. Le Guin é uma obra de ficção científica considerada uma das mais canônicas do gênero. É uma narrativa reconhecida por suas interpelações sobre questões de gênero, sistemas políticos, antropologia e pensamentos conceituais transgressivos. A trama se desenrola no planeta Gethen, habitado por seres humanos ambissexuais, capazes de mudar de sexo durante o ciclo reprodutivo. O enredo segue o enviado interestelar Genly Ai, que tenta persuadir os habitantes de Gethen a se unirem a uma comunidade interplanetária.

Ursula K. Le Guin (1929-2018) foi uma escritora de destaque dos Estados Unidos, famosa por suas obras nos gêneros de fantasia e ficção científica. Ao longo de sua carreira, ela abordou temas sociais e antropológicos, desafiando as normas estabelecidas. Suas contribuições literárias renderam vários prêmios, incluindo Hugos, Nebulas e o prêmio Nobel Alternativo de Literatura. Le Guin deixou um legado duradouro, desafiando normas sociais e explorando profundamente temas de identidade.

Nas primeiras páginas de *A Mão Esquerda da Escuridão*, Le Guin utiliza o personagem Genly para gradualmente introduzir seus personagens gethenianos, destacando de maneira sutil normas de gênero, pronomes femininos e masculinos. Ao abordar questões de alienação dos gethenianos, Genly Ai demonstra uma necessidade de atribuir-lhes algum gênero, mesmo em uma sociedade andrógina. Isso instiga discussões em curso sobre identidades e relacionamentos relacionados ao gênero.

Stuart Hall (2006) afirma que temos identidades conflitantes dentro de nós, que nos puxam em diferentes direções, fazendo com que nossas identificações estejam em constante mudança. O que é uma característica do sujeito pós-moderno que permite que assumamos identidades diferentes a depender da ocasião. Além disso, assim como a identidade, “o corpo é uma situação” (Butler,

2003, p. 27), interpretado e interpelado por fatores sociais que atuam sobre ele de modo injuntivo, o que influencia as mudanças.

Nesse sentido, Genly Ai de fato possui identidades contraditórias, pois está constantemente em conflito entre suas convicções pessoais e as normas sociais que o cercam. Ele é confrontado com diferentes expectativas e visões de mundo, o que o leva a se fragmentar e a buscar por uma integridade que mais vezes parece fingir dele. O labirinto de possibilidades no qual ele se encontra reflete justamente essa busca por algo que o faça se sentir completo, mesmo que isso signifique abandonar e adotar novas identidades ao longo do caminho.

Portanto, o problema da pesquisa centraliza-se na seguinte questão: Como a análise da construção identitária da personagem Genly Ai em *A Mão Esquerda da Escuridão*, de Ursula K. Le Guin, contribui para a compreensão das questões de identidade de gênero presentes na obra?

Investigar a construção específica da identidade de Genly Ai em *A Mão Esquerda da Escuridão* torna-se relevante, pois ele representa um elemento-chave na trama, sendo o enviado interestelar em um planeta com características únicas de ambissexualidade. A análise da identidade de Genly Ai permite explorar temas como a adaptação cultural, a comunidade interplanetária e as complexidades das relações interpessoais em um contexto alienígena. Isso enriquece a compreensão da narrativa e contribui para discussões mais amplas sobre diversidade, alteridade e aceitação na literatura e na sociedade.

Os objetivos deste estudo são: primeiro, refletir sobre a questão da identidade na literatura, especialmente no contexto da ficção científica; segundo, perceber como os temas de gênero e literatura se entrelaçam de maneira significativa na obra *A Mão Esquerda da Escuridão*, de Ursula K. Le Guin; terceiro, discutir a contribuição específica da autora para o gênero da ficção científica por meio dessa obra; por fim, compreender o papel da sociedade na formação da identidade de gênero do protagonista, Genly Ai, dentro do contexto da obra de Le Guin.

O personagem Genly Ai, concebido por Ursula K. Le Guin, serve como um ponto focal para reflexões aprofundadas sobre como as identidades são moldadas por fatores como ambiente, cultura e interações sociais. Ao desafiar e transcender conceitos tradicionais de gênero, Genly Ai explora a fluidez da identidade, um cenário fictício onde os indivíduos têm a capacidade de mudar de sexo. A

abordagem especulativa adotada por Le Guin não apenas redefine os limites da ficção científica, mas também oferece novas perspectivas sobre as complexidades intrínsecas da identidade humana.

Ao abordar esses aspectos, este trabalho busca não apenas analisar uma obra literária importante, mas também contribuir para um diálogo mais amplo sobre identidade, gênero e sociedade na literatura contemporânea.

A fundamentação teórica desta análise se baseará nas discussões sobre a literatura de ficção científica, identidade e gênero proposta pelos autores Le Guin (1969), Hall (2006), Asimov (1984), Butler (2003), dentre outros.

O primeiro capítulo, *Ficção Científica e a Contribuição de Ursula K. Le Guin*, traça um breve histórico da ficção científica e discute o impacto de Ursula K. Le Guin na discussão sobre identidade e gênero dentro da narrativa literária

O segundo capítulo, intitulado *Identidade*, aborda os conceitos e abordagens teóricas sobre identidade de gênero, destacando a perspectiva de que a identidade é um fenômeno social construído e reconstruído através das interações sociais e culturais. Referências a autores como Ciampa e Stuart Hall sustentam a análise teórica.

No último capítulo, *Identidade de Gênero na Obra A Mão Esquerda da Escuridão: Uma Análise da Construção Identitária do Personagem Genly Ai*, a análise se concentra na construção identitária de Genly Ai, explorando suas experiências, conflitos e transformações relacionadas à identidade de gênero ao longo da narrativa.

2 A FICÇÃO CIENTÍFICA E A CONTRIBUIÇÃO DA URSULA K. LE GUIN

Dentre os diversos autores que marcaram a história da ficção científica, Ursula K. Le Guin se destaca por sua contribuição inovadora e profunda.

2.1 Breve histórico da ficção científica como gênero literário

O gênero literário da ficção científica se inspira em uma variedade de tradições científicas e literárias. Seu progresso ao longo do tempo reflete a imaginação e engenhosidade dos escritores que o desenvolveram, bem como as mudanças na ciência e na sociedade. Suvin (1979), define a Ficção Científica (FC) como um gênero literário que se caracteriza pela presença e interação entre o estranhamento e a cognição. Ele ressalta que o principal aspecto formal desse gênero é a criação de uma estrutura imaginativa que se diferencia do ambiente real do autor.

Ele enfatiza a importância da existência e interação desses componentes ao destacar que esses dois fatores são as condições necessárias e suficientes para a ficção científica (normalmente abreviado para FC). A apresentação de um mundo ou circunstâncias que diferem do ambiente factual observado é referida como estranhamento, e a cognição é o processo de compreensão e consideração dessas novas realidades. Suvin também destaca a estrutura imaginativa como o principal dispositivo formal da ficção científica (FC), ressaltando a capacidade do gênero de produzir realidades alternativas que desafiam as convenções e expectativas do ambiente empírico do autor. Este método enfatiza a qualidade especulativa e crítica da ficção científica, que não apenas entretém, mas também desafia e amplia nossa compreensão da realidade.

Mas também vemos que os autores de ficção científica usam ambientes estranhos e fantásticos como um terreno fértil para novas ideias, frequentemente especulando sobre as “realidades” da ciência, possíveis construções sociais e as possibilidades emergentes da tecnologia.

A ficção científica é um gênero literário e cinematográfico que explora especulação sobre futuros possíveis, avanços científicos e suas implicações sociais. Asimov (1984), diante dos números de definições, traz uma definição de sua autoria rigorosamente exclusivista: “A ficção científica diz respeito aos cientistas que trabalham com a ciência do futuro” (Asimov, 1984, p. 20).

Entretanto, reforça uma definição mais moderada: “A ficção científica é o ramo da literatura que trata das respostas do homem às mudanças ocorridas ao nível da ciência e da tecnologia” (Asimov, 1984, p. 20).

Isaac Asimov apresenta duas definições distintas sobre ficção científica. A primeira, mais rigorosa e exclusivista, relaciona a ficção científica diretamente aos cientistas que trabalham com a ciência do futuro. Essa definição destaca a especificidade da ficção científica ao abordar temas relacionados ao avanço científico e tecnológico.

Por outro lado, Asimov também propõe uma definição mais moderada, descrevendo a ficção científica como o ramo da literatura que lida com as respostas do homem às mudanças ocorridas no campo da ciência e da tecnologia. Essa definição amplia o escopo da ficção científica ao incluir não apenas os cientistas, mas também as reações e adaptações da humanidade diante dos avanços científicos e tecnológicos.

Essas duas definições mostram a complexidade e a diversidade de interpretações sobre o que constitui a ficção científica, destacando que ela pode ser entendida tanto como uma narrativa voltada para cientistas e futuros possíveis quanto como uma reflexão mais ampla sobre o impacto das mudanças tecnológicas na sociedade humana.

Mann (2001) destaca a natureza da ficção científica como uma forma de literatura que vai além do mero entretenimento, sendo também uma ferramenta para interpretar e refletir sobre o mundo:

A ficção científica é uma forma de literatura fantástica que tenta retratar, em termos racionais e realistas, tempos futuros e ambientes que diferem dos nossos. No entanto, mostra estar consciente das preocupações dos tempos em que é escrita e provê um comentário implícito sobre a sociedade contemporânea, explorando os efeitos, materiais e psicológicos, que qualquer tecnologia nova pode ter sobre ela. Quaisquer mudanças que tiverem lugar na sociedade enfocada, e também quaisquer acontecimentos futuros que forem extrapolados, deverão basear-se em uma teoria, científica ou não, encarada em forma comedida e considerada. Os autores de ficção científica usam seus ambientes estranhos e imaginativos como um campo de prova para novas ideias, examinando em forma plena as implicações de qualquer noção que propuserem (Mann, 2001, p. 6 *apud* Cardoso, 2006, p.18).

A ficção científica apresenta cenários futuros e ambientes distintos, mas sempre ancorados em uma base racional e realista. Ao fazer isso, ela não apenas explora as possíveis consequências materiais e psicológicas da tecnologia, mas também oferece comentários sobre a sociedade contemporânea. Os autores desse gênero utilizam esses mundos imaginativos como laboratórios para testar novas ideias e examinar profundamente as implicações de conceitos que propõem, seja fundamentados em teorias científicas ou não. Essa abordagem ampla e reflexiva da ficção científica a torna uma forma de interpretação e crítica social muito rica e significativa.

A ficção científica tem suas raízes em mitos e lendas da antiguidade que abordavam ideias como viagem no tempo, universos paralelos e vida extraterrestre. Mas o século XIX viu o desenvolvimento da ficção científica como um gênero literário separado, graças a romances como *Frankenstein*, de Mary Shelley, que explorou dilemas morais relacionados à tecnologia e à criação de vida.

Para Asimov (1987), um romance é considerado ficção científica quando aborda a criação da vida através da aplicação de técnicas científicas racionais, em vez de recorrer à magia ou ao sobrenatural. O livro explora as consequências desastrosas dessa criação. Podemos identificar suas primeiras manifestações na literatura quando Mary Shelley escreveu *Frankenstein*. Destaca a abordagem científica e racional na criação da vida, em contraste com a magia ou elementos sobrenaturais. Ele reconhece que Mary Shelley optou por não detalhar as técnicas científicas envolvidas nesse processo. Asimov provavelmente está se referindo às repercussões negativas e morais resultantes da criação da vida de forma não natural, o que é um tema central e controverso na obra *Frankenstein*.

Ao longo dos séculos XIX e XX, a ficção científica floresceu com escritores como Júlio Verne (1828-1905), um dos mais populares no gênero e considerado o pai da ficção científica. Suas obras trazem uma característica chave presente em quase toda a ficção científica. Outro escritor apontado como o segundo criador da FC e admirador do trabalho de Verne é o inglês Herbert George Wells (1866-1946). Muitos dos temas explorados atualmente na FC partiram de suas obras, como antecipações de futuro, viagem no tempo, exploração de planetas, entre outros.

Graças à escrita visionária de seus livros, Wells abordou várias temáticas que seriam discutidas no século XIX, tornando-o um dos autores mais representativos da FC. Ele estava interessado no impacto da tecnologia na

sociedade. Arthur C. Clarke também foi importante para a ficção científica, pois suas obras eram fortemente voltadas para a tecnologia, algo raro na época. Cada um contribuiu com visões únicas de futuros distópicos, viagens no espaço e encontros com civilizações alienígenas. Essas obras influenciaram não apenas a literatura, mas também o cinema e outras formas de arte, ajudando a popularizar o gênero.

A ficção científica abrange uma ampla gama de temas e conceitos, incluindo viagens no tempo. Esses elementos são frequentemente utilizados para explorar questões sociais, éticas e científicas, oferecendo aos leitores uma perspectiva única sobre o presente e o futuro.

O interesse fundamental da ficção científica (FC), afirma David Allen (1974, p. 223):

Encontra-se na relação entre o homem e sua tecnologia e entre o homem e o universo. A ficção científica é uma literatura de mudança e uma literatura do futuro, e embora seja tolo afirmar que a ficção científica é um gênero literário de grande importância, os aspectos da vida humana que ela considera tornam-na leitura e estudo de muito valor – pois nenhuma outra forma literária faz exatamente as mesmas coisas.

David Allen (1974) argumenta que o cerne do interesse na ficção científica reside na interação entre o homem e a tecnologia, bem como entre o homem e o universo. Ele descreve a ficção científica como uma literatura de mudança e do futuro, ressaltando que, embora seja discutível sua importância como gênero literário, os aspectos da vida humana que ela aborda conferem-lhe um valor significativo como objeto de leitura e estudo. Allen enfatiza que a ficção científica realiza coisas únicas que outras formas literárias não conseguem replicar, tornando-a uma área de grande valor para análise e reflexão.

2.2 A Influência de Ursula K. Le Guin na Ficção Científica

A ficção científica vai além de criar novas realidades e ampliar o tangível, apesar da importância dessas características. Nesse sentido, Ursula K. Le Guin, uma das autoras mais conhecidas no campo, oferece um prefácio fascinante para seu livro *A Mão Esquerda da Escuridão*. A autora afirmou: "ficção científica não

prevê; descreve” (Le Guin, 2014 p. 8). Em vez de fazer previsões sobre o futuro, seria uma espécie de experimento mental destinado a retratar o mundo como ele está agora, capturando o que já existe nas mentes das pessoas.

A citação de Ursula K. Le Guin sobre ficção científica como uma forma de descrição, não de previsão, ressalta uma abordagem fundamental desse gênero literário. Ao invés de apenas imaginar cenários futuros distantes, a ficção científica também atua como um espelho para a sociedade contemporânea, refletindo e explorando questões presentes. Isso amplia o alcance da ficção científica, tornando-a uma ferramenta poderosa não apenas para entreter, mas também para provocar reflexões profundas sobre o mundo em que vivemos e as direções que estamos seguindo.

As suas obras, como *A Mão Esquerda da Escuridão* (1969), são consideradas uma das mais importantes, pois oferecem uma análise profunda das complexidades de gênero e sociedade. A autora habilmente utiliza a ficção científica como uma poderosa ferramenta para explorar aspectos humanos em cenários futuristas e especulativos. Existem naves espaciais, seres alienígenas, maravilhas tecnológicas e até mesmo um planeta fictício completo.

David Seed (2011) destaca que a viagem a outros planetas é uma das primeiras imagens que associamos à ficção científica. Ele observa que essa viagem espacial serve como um meio de distanciar-se do mundo familiar, permitindo uma visão externa e muitas vezes irônica da Terra. Dessa forma, a ficção científica, ao criar mundos diferentes, oferece uma nova perspectiva sobre o nosso próprio mundo (Arbo, 2021).

O autor destaca a viagem para outros planetas como uma das primeiras imagens que associamos à ficção científica e como um mecanismo de estranhamento em relação ao mundo familiar. Ele aponta que a viagem espacial permite a construção de perspectivas externas e irônicas sobre a terra, tornando a ficção científica um gênero que retrata outros mundos para possibilitar um olhar diferente sobre o nosso. É interessante como a ficção científica nos convida a refletir sobre nossa própria realidade.

O uso da ciência como elemento central não desmerece um bom livro de ficção científica; ao contrário, é sua capacidade de transformar o leitor, presente em qualquer gênero literário, que define a qualidade de uma obra. Le Guin (2014) relata:

Escritores de ficção, pelo menos em seus momentos mais corajosos, realmente desejam a verdade: conhecê-la, dizê-la, servi-la. Mas seguem um caminho tortuoso e peculiar, que consiste em inventar pessoas, lugares e eventos que nunca existiram ou existirão de verdade, contando essas histórias fictícias de forma extensa, detalhada e com uma boa dose de emoções; e então, quando terminam de esquecer esse monte de mentiras, dizem ‘Aí, está! Eis a verdade!’ Escritores podem usar todo tipo de fatos para sustentar sua coleção de mentiras. [...] O peso de lugares, eventos, fenômenos e comportamentos verificáveis faz com que o leitor esqueça que o que está lendo é pura invenção, uma história que nunca ocorreu em lugar algum senão numa região ilocalizável: a mente do autor (Le Guin, 2014, p. 9).

Assim, escritores de ficção, em seus momentos mais corajosos, buscam a verdade de maneira peculiar. Eles inventam pessoas, lugares e eventos que nunca existiram ou existirão, contando essas histórias fictícias com detalhes extensos e emoções vívidas. Ao finalizar essa trama de mentiras, apresentam-na como verdade. Para dar peso às suas invenções, utilizam fatos verificáveis, o que faz com que o leitor esqueça que está lendo algo que nunca aconteceu fora da mente do autor.

Conforme Le Guin, a autêntica ficção científica tem a missão de interpretar a realidade. O autor, verdadeiramente entendido, é encarregado de explorar situações reais e contemporâneas, usufruindo da liberdade artística para “mentir” de forma impactante:

Toda ficção é metáfora. Ficção científica é metáfora. O que que a separa de formas mais antigas de ficção parece ser o uso de novas metáforas, tiradas de alguns grandes dominantes de nossa vida contemporânea – ciência, todas as ciências, entre elas, a tecnologia e as perspectivas relativista e histórica (Le Guin, 2014, p. 11).

A ficção científica não está isenta da natureza metafórica subjacente de toda ficção. A ficção científica se distingue pela sua capacidade de empregar analogias inovadoras que surgem de aspectos proeminentes da vida moderna, como ciência, tecnologia, perspectivas relativistas e eventos históricos. Essa característica singular permite que esse gênero literário explore narrativas por meio de prismas

contemporâneos, proporcionando uma perspectiva única e reveladora sobre a complexa condição humana. Noel Carroll (2020) define que:

As narrativas de ficção científica que nos preocupam tratam o mundo como se fosse um laboratório no qual os fatos sobre a estrutura do mundo – física e/ou tecnologia e/ou tecnologia e/ou cultural e/ou histórica – podem ser imaginativamente variados a fim de contemplar o que é possível e/ ou provável, muitas vezes junto com uma consideração do significado ético e/ou político previsto dessas alterações (Carroll, 2020, p. 477- 478).

Ele enfatiza as qualidades exploratórias e especulativas da ficção científica. Sugere que as histórias neste gênero veem o mundo como um laboratório criativo no qual detalhes sobre estruturas históricas, culturais, tecnológicas e físicas podem ser alterados para explorar possibilidades e probabilidades. Isso envolve considerar as ramificações éticas e políticas desses desenvolvimentos imaginados, além de imaginar novas tecnologias ou universos. Fundamentalmente, a ficção científica não apenas nos leva a outros mundos, mas também nos convida a considerar as sérias ramificações dessas situações fantásticas, incentivando-nos a investigar e considerar dilemas morais e políticos pertinentes ao nosso próprio mundo.

A contribuição de Ursula K. Le Guin destaca-se pela habilidade de transcender o mero escapismo especulativo. Sua obra não apenas entretém, mas também desafia o leitor a questionar as normas estabelecidas, incentivando uma reflexão profunda sobre as possibilidades e limitações da condição humana em futuros imaginados.

No próximo capítulo, abordaremos o conceito de identidade, essencial para a interpretação de qualquer obra literária, especialmente no contexto da ficção científica. Aqui, destacamos a significativa contribuição da escritora Ursula K. Le Guin para o gênero, explorando como suas obras desafiam e ampliam as discussões sobre identidade. Le Guin é amplamente reconhecida por subverter convenções tradicionais e expectativas de gênero, oferecendo uma perspectiva inovadora sobre a construção, desconstrução e reconstrução da identidade. Suas narrativas não apenas exploram traços psicológicos e físicos, mas também incorporam influências sociais e culturais, criando um terreno fértil para analisar a identidade de gênero. Assim, ao mergulharmos nas várias teorias e ideias sobre identidade, utilizaremos as obras de Le Guin como um exemplo-chave para ilustrar

como a ficção científica pode questionar e redefinir noções estabelecidas de identidade.

3 IDENTIDADE

Identidade é um termo abrangente, com muitas facetas que englobam diversos aspectos da vida de uma pessoa. Envolve coisas como qualidades pessoais, culturais, sociais e até históricas, e como os indivíduos se veem e são vistos pelos outros. Genética, experiências de vida, educação, cultura e interações sociais são alguns dos elementos internos e externos que se combinam para formar a identidade de um indivíduo. Nesta perspectiva, podemos considerar a conceituação da identidade por Ciampa (1987), conforme ele expressa:

Dizer que a identidade de uma pessoa é um fenômeno social e não natural é aceitável pela grande maioria dos cientistas sociais [...] Com efeito, se estabelecermos uma distinção entre o objeto de nossa representação e a sua representação, veremos que ambos se apresentam como fenômenos sociais [...] Não podemos isolar de um lado todo um conjunto de elementos biológicos, psicológicos, sociais, etc. que podem caracterizar um indivíduo, identificando-o, e de outro lado a representação desse indivíduo como uma duplicação mental ou simbólica, que expressaria a sua identidade. Isso porque há uma interpenetração desses dois aspectos, de tal forma que a individualidade dada já pressupõe um processo anterior de representação [...] (Ciampa, 1987, p. 64-65).

Assim, o autor enfatiza a crença amplamente aceita entre os cientistas sociais de que a identidade de um indivíduo é um produto de seu ambiente social. Isso implica que a identidade, a própria representação, e o sujeito de nossa representação, a pessoa e seus traços, são realidades sociais relacionadas. Portanto, é impossível separar a imagem mental ou simbólica de um indivíduo dos componentes biológicos, psicológicos e sociais que compõem esse ser humano. Essa interação sugere que processos sociais e representacionais anteriores já moldaram a personalidade (Ciampa, 1987).

Em outras palavras, a identidade é algo que é constantemente criado e reconstruído através das interações sociais e das representações culturais, ao invés de ser algo fixo ou inerente ao indivíduo. Isso está de acordo com uma teoria

construtivista da identidade, que afirma que o desenvolvimento e a expressão da individualidade dependem muito do ambiente social e cultural.

Stuart Hall, um renomado teórico cultural e sociólogo, contribuiu significativamente para o entendimento do conceito de identidade. Ele rejeita a ideia de identidades fixas e unificadas, argumentando que são construções sociais e culturais em constante transformação. Refletir sobre identidade a partir da perspectiva de Stuart Hall nos leva a considerar três concepções distintas: a do sujeito iluminista e a do sujeito sociológico. Sua abordagem destaca a natureza fluida e contestada das identidades, moldadas por contextos históricos e sociais.

Stuart Hall (2006) destaca três concepções de identidade: a do sujeito iluminista, que enfatiza a identidade moldada por fatores sociais e culturais; e a do sujeito pós-moderno, que reconhece a identidade como fluida e fragmentada, sujeita a constantes mudanças e influências. Ele relata que os diferentes conceitos de sujeito ao longo do tempo refletem mudanças na compreensão da natureza humana e sua interação com a sociedade. A perspectiva do sujeito do iluminismo destacava um indivíduo centrado, unificado e constante ao longo da vida, dotado de razão, consciência e ação.

Em contraste, o sujeito sociológico, surgido posteriormente, era moldado pela interação contínua com a sociedade, formando seu núcleo do "eu" em um diálogo constante com os diversos mundos culturais externos e as identidades oferecidas por esses mundos. Por fim, o sujeito pós-moderno desafia a ideia de uma identidade única, apresentando a multiplicidade de identidades que se formam e transformam em relação às representações e interpelações dos sistemas culturais circundantes. Essas perspectivas evidenciam a evolução nas concepções de identidade ao longo do tempo e suas complexas interações com o ambiente cultural e social.

3.1 Identidade pessoal

A identidade pessoal refere-se às características únicas que definem quem somos como indivíduos. Inclui nossos traços de personalidade, crenças, valores, memórias e experiências. Essa identidade pode ser expressa através do comportamento, das roupas, do corte de cabelo, da voz e de outras formas. Como explica Hall (2006):

[...]o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, Identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas [...]. A Identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente (Hall, 2006, p.13).

Assim, o sujeito adota diferentes identidades em momentos distintos, identidades estas que não se unificam em torno de um “eu” coerente. Em nosso interior, existem identidades conflitantes, puxando em direções opostas, de forma que nossas identificações estão constantemente mudando. A ideia de uma identidade totalmente unificada, completa, segura e coerente é apenas uma ilusão. Em vez disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se diversificam, nos deparamos com uma variedade desconcertante e mutável de identidades possíveis, com as quais poderíamos nos identificar, ainda que temporariamente.

De acordo com Stuart Hall (2006), na obra *A identidade cultural na pós-modernidade*, as sociedades atuais podem ser descritas como vivendo na “modernidade tardia”, marcada por uma fragmentação intensa e a falta de um princípio unificador, em consequência do avanço contínuo da era moderna.

Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as identidades se tornam desvinculadas – desalojadas – de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem ‘flutuar livremente’ (Hall, 2006, p. 75).

Este trecho de Hall (2006) discute as formas como a conexão global e a globalização estão afetando tanto as identidades individuais quanto as coletivas. Hall argumenta que as identidades se tornam menos vinculadas a épocas, locais, histórias e costumes específicos à medida que o mercado global, a mídia de massa, as viagens internacionais e as tecnologias de comunicação interligadas progressivamente impactam a vida social.

Isso implica que as pessoas estão expostas a uma ampla gama de crenças, culturas e estilos de vida globais regularmente. As identidades individuais, conseqüentemente, podem se tornar mais maleáveis e adaptáveis, menos fixas em contextos regionais ou culturais, e mais propensas a se ajustarem a influências globais em constante mudança. O conceito de "flutuar livremente" alude a um sentimento de deslocamento e liberdade na identidade, isto é, a capacidade das identidades de mudar e evoluir em resposta a estímulos externos sem serem rigidamente restritas a certas situações.

3.2 Identidade Social

A identidade social está relacionada aos grupos aos quais pertencemos e como esses grupos influenciam a nossa autopercepção. Isso inclui identidades de grupo baseadas em etnia, nacionalidade, religião, classe social, e outras categorias sociais. A identidade social pode afetar significativamente o comportamento e as relações interpessoais. Por isso:

A identidade social de um indivíduo se caracteriza pelo conjunto de suas vinculações em um sistema social: vinculado a uma classe sexual, a uma classe de idade, a uma classe social, a uma nação, etc. A identidade permite que o indivíduo se localize em um sistema social e seja localizado socialmente (Cuche, 1999, p. 177).

Destaca a complexidade da identidade social, enfatizando que ela não é uma entidade isolada, mas sim um conjunto de vínculos dentro de um sistema social. Ela ressalta que a identidade está relacionada a várias dimensões, como classe sexual, classe de idade, classe social, nacionalidade, entre outras. Além disso, a citação aponta que a identidade não apenas permite que o indivíduo se posicione dentro desse sistema social, mas também é fundamental para que ele seja reconhecido e situado socialmente pelos outros membros desse sistema.

A identidade é uma construção que se elabora em uma relação que opõe um grupo aos outros grupos com os quais está em contato [...]. A identidade é um modo de categorização utilizado pelos grupos para organizar suas trocas. Também para definir a identidade de um grupo, o importante não é inventariar seus traços culturais distintivos, mas localizar aqueles que são utilizados pelos membros do grupo para afirmar e manter uma distinção cultural (Cuche, 1999, p. 182).

Esta citação enfatiza como a identidade está ligada e em constante mudança. Ela destaca a ideia de que a identidade é moldada por interações dentro de grupos, bem como por relacionamentos com outros grupos, e não é apenas uma qualidade inata. Não basta apenas destacar as qualidades culturais distintivas; também é importante determinar quais desses traços os membros do grupo empregam para reforçar e manter sua identidade cultural. Isso demonstra como, em um contexto social mais amplo, a identidade é um processo ativo de afirmação e diferença.

Então, quando um estranho nos é apresentado, os primeiros aspectos nos permitem prever a sua categoria e os seus atributos, a sua 'identidade social' – para usar um termo melhor do que 'status social', já que nele se incluem atributos como honestidade, da mesma forma que atributos estruturais como ocupação (Goffman, 1988, p. 12).

Assim, Goffman aborda de forma perspicaz a forma como percebemos e categorizamos os estranhos que encontramos. Ele ressalta que nossas primeiras impressões ao conhecer alguém nos permitem antecipar não apenas sua posição social, mas também uma série de atributos que compõem sua identidade social. Ao falar em "identidade social" em vez de simplesmente "status social", o autor amplia o conceito para além de fatores como ocupação ou posição econômica, incluindo também qualidades subjetivas como honestidade.

Goffman nos leva a refletir sobre como nossos julgamentos iniciais podem ser influenciados por uma série de fatores, desde características visíveis até sinais mais sutis de comportamento e linguagem corporal. A ideia de que atribuímos uma identidade social a alguém logo após o primeiro contato ressalta a complexidade das interações sociais e a importância de considerar não apenas as categorias superficiais, mas também os aspectos mais profundos que compõem a percepção de quem é o outro em nossa sociedade.

O conceito de sujeito é visto como algo formado por múltiplas identidades, que podem ser contraditórias ou não resolvidas (Hall, 1992). Destaca a complexidade da identidade humana na contemporaneidade. Esse sujeito é observado sob diferentes perspectivas para uma compreensão mais profunda das problemáticas sociais atuais.

A diversidade de gêneros e a colisão entre identidades opostas são cenários que Hall descreve como um período de crise de identidade. Isso reflete a noção de que vivemos em um conflito interno de ideais na contemporaneidade, causado tanto pelo anseio e ansiedades geradas pela instabilidade das práticas sociais, quanto pelas rupturas das tradições e convenções culturais. Essa dinâmica contribui para uma compreensão mais ampla das transformações sociais e das questões relacionadas à identidade e à diversidade na sociedade atual.

3.3 Identidade de gênero

Os estudos sobre gênero frequentemente se conectam aos estudos de identidade, pois partem da ideia de que o gênero é uma construção cultural e não está intrinsicamente ligado ao sexo biológico, como discutido por Judith Butler (2015) em *Problemas de gênero*. A concepção de um sexo binário, dividido entre masculino e feminino, era considerada estável e definidora dos sujeitos. No entanto, essa concepção está sendo questionada por diversas perspectivas, muitas das quais têm suas bases nos estudos feministas.

Esse questionamento é fundamental para compreendermos a complexidade das identidades de gênero na sociedade contemporânea. Ao reconhecermos que o gênero é uma construção social, abrimos espaço para discutir e entender as diversas formas de expressão de gênero que vão além das categorias tradicionais. Isso também nos leva a refletir sobre como as normas de gênero podem impactar a vida das pessoas e reforçar desigualdades sociais.

Gênero e identidade são definidos por suas qualidades fluidas e dinâmicas. De acordo com Louro (1997):

Observa-se que as concepções de gênero diferem não apenas entre sociedades ou momentos históricos, mas no interior de uma dada sociedade, ao se considerar diversos grupos (étnicos, religiosos, raciais, de classe) que a constituem (Louro, 1997, p. 23).

Assim, ideias sobre gênero variam não apenas entre diferentes sociedades ou períodos históricos, mas também dentro de uma mesma sociedade. Essas variações ocorrem quando consideramos diferentes grupos, como os étnicos, religiosos, raciais e de classe social, que compõem essa sociedade.

No passado, as pessoas foram condicionadas a temer o desconhecido e a buscar estabilidade em diversas esferas de suas vidas, incluindo estabilidade social, psicológica e financeira, para encontrar satisfação. Para se sentirem seguras e aceitas pela sociedade, as pessoas buscam conformidade com normas e padrões preestabelecidos, o que pode ser observado na forma como negociam suas identidades e expressões de gênero.

A fluidez de gênero e identidade, no entanto, pode entrar em conflito com essa busca por estabilidade, gerando conflitos e dificuldades para aqueles que desejam expressar sua singularidade e autenticidade. Compreender essa relação é fundamental para promover um ambiente mais respeitoso, inclusivo e que valorize a liberdade de expressão de cada pessoa em relação à sua identidade de gênero e identidade.

Existem várias teorias que tentam explicar como a identidade de gênero se desenvolve e se manifesta. Albert Bandura, com sua teoria da aprendizagem social, destacou que as crianças aprendem comportamentos e normas sociais ao observar e imitar os outros, especialmente figuras significativas como pais e professores. Bandura aprofundou essa teoria em duas obras de referência: *Social Cognitive Theory* (1989) e *Social Cognitive Theory of Human Development* (1996).

Os seres humanos têm uma capacidade inigualável para serem muitas coisas. O desenvolvimento da qualidade e dos percursos de vida que estão realisticamente ao seu alcance é parcialmente determinado pela sua autonomia e pelas instituições culturais que o envolvem no seu desenvolvimento global. O desenvolvimento humano é um fenômeno heterogêneo que engloba diferentes tipos de habilidades, que se seguem a diferentes trajetórias de mudança, e que são modificáveis ao longo de toda a vida. Os sistemas sociais que proporcionam competências transversais e generalizáveis, criam estruturas e fatores de oportunidade, fornecem recursos de suporte, e ainda permitem espaço para a autonomia individual, potenciando desta forma as hipóteses de cada pessoa se realizar naquilo que deseja (Bandura A. , 1989; Bandura A. , 1996 *apud* Carlos Melo-Dias¹ & Carlos Fernandes da Silva, 2018, p. 103).

O autor fala sobre como as pessoas podem seguir trajetórias de vida diversas e adquirir diferentes talentos. Tanto as instituições culturais e sociais ao redor quanto a autonomia do indivíduo têm um impacto nesse crescimento. A realização pessoal é mais provável em sociedades que respeitam a autonomia individual, oferecem habilidades abrangentes, geram oportunidades e fornecem

assistência. O desenvolvimento humano é essencialmente diverso e contínuo, influenciado por variáveis internas e externas. Sobre isso, Schultz (1998) diz que:

Além de comportamental, o sistema de Bandura é cognitivo. Ele considera a influência em programas de reforço externo de processos de pensamento como crenças, expectativas e instruções. (Schultz; Schultz, 1998, p. 288).

Esta passagem discute a teoria da aprendizagem social de Albert Bandura, que combina elementos cognitivos e comportamentais. Bandura sugere que processos cognitivos internos, como crenças, expectativas e instruções, têm um impacto no comportamento humano, além dos reforços externos. Isso indica que as pessoas compreendem e processam estímulos ambientais para influenciar seus comportamentos e decisões futuras, em vez de apenas responder passivamente a eles. Como resultado, ao destacar o papel ativo que a cognição desempenha na aprendizagem e adaptação ao ambiente, a teoria de Bandura expande nosso conhecimento sobre o comportamento humano.

Lawrence Kohlberg (1966), propôs uma hipótese sobre o desenvolvimento da identidade de gênero que se desenvolve em três estágios distintos. Por volta dos três anos de idade, as crianças passam pelo estágio inicial de identificação de gênero, durante o qual começam a se identificar e categorizar a si mesmas e aos outros como meninos ou meninas. Em seguida, entre as idades de quatro e cinco anos, as crianças entram no estágio de estabilidade de gênero. Durante esse estágio, elas aprendem a reconhecer que a identidade de gênero é constante ao longo do tempo, ou seja, que meninas crescem e se tornam mulheres e meninos crescem e se tornam homens.

A constância de gênero, que geralmente é alcançada entre as idades de seis e sete anos, é o terceiro e último estágio. As crianças nessa idade entendem que, apesar de mudanças externas como vestuário ou *hobbies*, a identidade de gênero de uma pessoa nunca muda. Elas compreendem que ser homem ou mulher é um atributo constante e imutável. Kohlberg acreditava que as crianças, através de um processo gradual e evolutivo, reconhecem e internalizam as normas e expectativas sociais relacionadas ao gênero, levando ao desenvolvimento de um conceito forte e coerente de sua identidade de gênero. Esses estágios ilustram sua teoria.

A teoria Queer questiona as normas binárias de gênero e propõe uma visão mais fluida e inclusiva, reconhecendo a diversidade das experiências de gênero. Nesse sentido, a análise queer é coerente com a proposta foucaultiana, na seguinte afirmação:

Não se deve fazer divisão binária entre o que se diz e o que não se diz; é preciso tentar determinar as diferentes maneiras de não dizer, como são distribuídos os que podem e os que não podem falar, que tipo de discurso é autorizado ou que forma de discricção é exigida a uns e outros. Não existe um só, mas muitos silêncios são parte integrante das estratégias que apoiam e atravessam os discursos (Foucault, 1988, p. 33-34).

A complexidade das dinâmicas de poder e controle em relação ao discurso e à comunicação é destacada nesta citação de Foucault. Ele questiona uma teoria simplificada da comunicação na qual a fala é apenas um componente do todo. Em vez disso, Foucault nos desafia a pensar nas inúmeras formas pelas quais o silêncio pode ser utilizado como tática de controle, nas diferentes capacidades de fala e expressão permitidas para diferentes grupos, entre outros aspectos. Esse método nos faz considerar as estratégias e relações de poder que permeiam o tecido social e discursivo.

Tanto nas dinâmicas sociais quanto nas vidas individuais, a identidade de gênero é vital. Ela não apenas afeta como os indivíduos se veem, mas também tem um impacto direto em como eles se envolvem com a sociedade como um todo. A identidade de gênero tem efeitos abrangentes em domínios importantes como oportunidades, saúde mental e física, direitos civis e relacionamentos interpessoais. Para criar uma sociedade mais inclusiva e igualitária, é imperativo reconhecer e valorizar a diversidade de identidades de gênero. Isso envolve incentivar ativamente a aceitação e a compreensão das várias maneiras pelas quais as pessoas experimentam e expressam sua identidade de gênero, além de praticar a tolerância.

Pessoas cujas identidades de gênero não estão alinhadas com as expectativas convencionais frequentemente enfrentam obstáculos formidáveis. Isso pode envolver uma série de atos violentos, marginalização social e preconceito. Por outro lado, a conscientização e a aceitação de pessoas trans e não-binárias melhoraram significativamente ao longo do tempo. Isso é demonstrado pelo

aumento da visibilidade dessas identidades, bem como pelo avanço dos direitos legais e das proteções. É crucial lembrar que ainda há trabalho a ser feito para alcançar a igualdade e a inclusão para pessoas de todas as identidades de gênero. Mesmo com melhorias, ainda há muito a ser feito para tornar o ambiente realmente seguro e amigável para todos, independentemente da identificação de gênero. Nesse processo de desenvolvimento social, o ativismo, a educação e a conscientização são componentes essenciais.

No terceiro capítulo, intitulado *Identidade de Gênero na Obra A Mão Esquerda da Escuridão: Uma Análise da Construção Identitária do Personagem Genly Ai*, será realizado um estudo sobre a identidade de gênero na obra. A análise se concentrará na construção identitária do personagem Genly Ai, explorando como sua identidade de gênero é representada, desenvolvida e significativa para a narrativa.

Serão examinados aspectos como as percepções do personagem em relação à sua própria identidade de gênero, as interações com outros personagens que influenciam essa construção identitária, e como esses elementos se entrelaçam com os temas mais amplos abordados na obra, como política, cultura e relações interpessoais. Essa análise detalhada permitirá uma compreensão mais profunda das complexidades da identidade de gênero na obra de Ursula K. Le Guin.

4 IDENTIDADE DE GÊNERO NA OBRA A MÃO ESQUERDA DA ESCURIDÃO

O romance de ficção científica de Ursula K. Le Guin, *A mão esquerda da escuridão*, mergulha profundamente em temas significativos como política, cultura e, especialmente, identidade de gênero. A história se passa no distante planeta Gethen e gira em torno das tentativas diplomáticas de Genly Ai para convencer o povo de Gethen a se juntar à sociedade galáctica, como enviado da aliança interplanetária conhecida como Ekumen.

Os residentes de Gethen se destacam pelo fato de serem ambissexuais, ou seja, não possuem um gênero definido. Eles não têm sexo na maior parte do tempo, mas ocasionalmente entram em um estado chamado “kemmer”, quando podem adotar características tanto masculinas quanto femininas, dependendo de com quem estão interagindo. A dinâmica social e política de Gethen gira em torno dessa flexibilidade de gênero.

Como protagonista, Genly Ai é estranho a esta sociedade ambissexual. Além de incorporar a curiosidade científica e política de sua civilização, ele também atua como testemunha das complexidades da identidade de gênero em Gethen. Ao longo da narrativa, Genly Ai é confrontado com questões relacionadas aos seus próprios estereótipos de gênero, bem como interações com a população local, o que o leva a reconsiderar seus preconceitos.

Ao negociar os intrincados sistemas políticos e culturais de Gethen, Genly Ai forja laços pessoais próximos, especialmente com o astuto e complicado político Estraven. Com as suas habilidades e características que lhe permitem reconhecer e aproveitar as nuances dos contextos sociais, políticos e culturais. Por causa de sua familiaridade com a política local e seu desejo de ver Gethen reunida com o Ekumen, uma aliança de mundos, Estraven prova ser um amigo inestimável para Genly Ai. Estraven acredita que a assimilação de Gethen ao Ekumen terá um

impacto tremendamente positivo em seu mundo e reconhece a importância da missão de Genly.

Genly desconfia de Estraven a princípio, mas à medida que enfrentam juntos uma variedade de dificuldades e obstáculos, um vínculo de respeito e confiança cresce gradualmente. Estraven mostra sua devoção e lealdade colocando sua própria vida em risco para manter Genly seguro e avançar seus objetivos. Os limites da amizade e confiança entre Genly e Estraven estão constantemente sendo testados pelas tensões geopolíticas em Gethen, bem como por seus pontos de vista e experiências de vida diferentes. Inicialmente, há obstáculos entre eles devido às suas visões de mundo e civilizações extremamente diferentes. Mas, à medida que superam estereótipos e enfrentam obstáculos juntos, seu vínculo se fortalece.

Ursula K. Le Guin cria um livro que vai além das convenções da ficção científica com as viagens de Genly Ai e seus encontros com o povo de Gethen. Além de desafiar padrões de gênero e sexualidade, *A mão esquerda da escuridão* também levanta questões sobre dinâmicas de poder, sensibilidade cultural e a natureza da comunicação e entendimento entre diversos grupos de pessoas.

Assim, a obra é uma reflexão profunda sobre a diversidade humana e a busca por um entendimento verdadeiro e inclusivo entre os povos, em vez de ser apenas um exercício hipotético de imaginação.

4.1 Análise da identidade de gênero de Genly Ai no desenvolvimento da história

A perspectiva de uma pessoa sobre seu gênero pode ser classificada como masculina, feminina, uma combinação de ambos ou nenhum. Essa ideia não é a mesma que o sexo biológico e pode não corresponder ao gênero atribuído ao nascimento.

1. É uma experiência interna e individual do gênero de cada pessoa, que pode ou não corresponder ao sexo atribuído no nascimento, incluindo o senso pessoal do corpo (que pode envolver, por livre escolha, modificação da aparência ou função corporal por meios médicos, cirúrgicos e outros) e outras expressões de gênero, inclusive vestimenta, modo de falar e maneirismos.

2. Identidade de gênero é a percepção que uma pessoa tem de si como sendo do gênero masculino, feminino ou de alguma

combinação dos dois, independente de sexo biológico. Trata-se da convicção íntima de uma pessoa de ser do gênero masculino (homem) ou do gênero feminino (mulher) (ABGLT, 2018, p. 16).

Assim, a identidade de gênero é uma experiência interna, profundamente pessoal, que pode ou não coincidir com o sexo atribuído no nascimento. Ela envolve um senso individual do próprio corpo, que pode incluir a escolha de modificar a aparência ou a função corporal por meios diversos, e se manifesta através de expressões como vestimenta, maneira de falar e gestos. É a percepção que alguém tem de si como pertencente ao gênero masculino, feminino, ou uma combinação de ambos, refletindo a convicção íntima de ser homem, mulher ou outra identidade de gênero.

Utilizando teorias de identidade de gênero, analisaremos Genly Ai para ver como seu tempo em Gethen muda e desafia sua concepção de gênero.

[...] Se for enviado para cá, deve ser avisado de que, a menos que seja muito seguro de si ou senil, sofrerá um golpe em seu orgulho. Um homem deseja que sua virilidade seja reconhecida, uma mulher deseja que sua feminilidade seja apreciada, por mais indiretos que sejam esse reconhecimento ou essa apreciação. Em Inverno, isso não vai existir. Julga-se ou respeita-se uma pessoa apenas como ser humano. É uma experiência espantosa (Le Guin, 2014, p. 98).

O protagonista, Genly Ai, é um humano do sexo masculino cuja missão é unir Gethen a uma aliança interplanetária. Ele enfrenta desafios ao se adaptar à sociedade de Gethen, especialmente diante da falta de papéis de gênero definidos.

Embora eu estivesse há quase dois anos em Inverno, estava ainda longe de conseguir ver as pessoas do planeta através de seus próprios olhos. Tentei, mas meus esforços tomaram a forma, desajeitada, de ver o quetheniano primeiro como homem, depois como mulher, forçando-o a uma dessas categorias tão irrelevantes à sua natureza, e tão essenciais à minha. Assim, enquanto bebericava minha cerveja amarga e fumegante, pensei que à mesa o desempenho de Estraven fora feminino, cheio de charme, tato e falta de substância, capcioso e astuto. Seria na verdade essa feminilidade suave e dócil que me fazia desgostar e desconfiar dele? Pois era impossível pensar nele como uma mulher, aquela presença escura, irônica, poderosa ali ao meu lado, na escuridão iluminada pelo fogo. Contudo, sempre pensava nele como homem, tinha a sensação de falsidade, de Impostura: seria por causa dele ou de minha própria atitude em relação a ele? Sua voz era suave e ligeiramente ressonante, mas não forte; certamente não a voz de

um homem, mas certamente tampouco a voz de uma mulher (...)
(Le Guin, 2014, p. 22-23).

A dificuldade do narrador, Genly Ai, em compreender e aceitar a ambiguidade de gênero dos habitantes de Inverno, particularmente de Estraven. Genly tenta categorizar Estraven como homem ou mulher, conforme as normas de sua própria cultura, mas percebe que essas categorias são irrelevantes e inadequadas para descrever a verdadeira natureza de Estraven. Ele nota características que associa a feminilidade e masculinidade, mas essas percepções entram em conflito com a presença forte e enigmática de Estraven. Ele tem um desafio de enxergar além dos estereótipos de gênero e questiona se a desconfiança e o desconforto de Genly em relação a Estraven vêm da natureza de Estraven ou dos preconceitos de Genly.

Judith Butler (2008), argumenta que a teoria queer se opõe a qualquer tentativa de regular a identidade ou estabelecer premissas epistemológicas fixas para aqueles que reivindicam uma certa identidade. Butler enfatiza que a teoria queer não só busca expandir a comunidade de ativismo anti-homofóbico, mas também insiste que a sexualidade é complexa e não pode ser facilmente resumida ou unificada por meio de categorizações rígidas.

A visão de Butler sobre a diversidade inerentes à sexualidade humana, rejeitando a ideia de identidades fixas e normativas. A teoria queer, segundo Butler (2008) desafia as noções tradicionais de identidade, defendendo uma compreensão mais inclusiva e multifacetada da sexualidade. Isso implica reconhecer e valorizar a multiplicidade de experiências e expressões sexuais, evitando reducionismos e promovendo uma abordagem mais aberta e crítica em relação às questões de identidade e gênero.

De acordo com Louro (2004), os estudos queer criticam a repetição e a ideologia que sustentam a heteronormatividade homofóbica, que naturaliza a ligação entre heterossexualidade e reprodução. Assim, ele diz que os estudos queer criticam narrativas e ideologias que associam naturalmente a heterossexualidade com a reprodução, chamando isso de “repronarratividade” e “reproideologia”. Essas críticas buscam desnaturalizar essa associação e combater a heteronormatividade homofóbica.

Assim, enquanto bebericava minha cerveja amarga e fumegante, pensei que à mesa o desempenho de Estraven fora feminino, cheio de charme, tato e falta de substancia, capcioso e astuto. Seria na verdade essa feminilidade suave e dócil que me fazia desgostar e desconfiar dele? Pois era impossível pensar nele como uma mulher, aquela presença escura, irônica, poderosa ali ao meu lado, na escuridão iluminada pela luz do fogo (Le Guin, 2014, p. 23).

Genly Ai sente desconforto porque tenta forçar Estraven em categorias de gênero (homem ou mulher), algo que a sociedade heteronormativa e cisnormativa considera natural e necessário, mas que não se aplica aos gethenianos. Isso reflete a “repronarratividade” e “reproideologia” criticadas por Louro, onde a heterossexualidade e características de gênero são vistas como normativas.

“Repronarratividade” e “reproideologia” são conceitos desenvolvidos por Guacira Lopes Louro (2004), a repronarratividade refere-se à maneira como as narrativas sociais e culturais reforçam a ideia de que a reprodução biológica e a heterossexualidade são naturais e desejáveis. A reproideologia é a ideologia que sustenta essas narrativas, promovendo a heterossexualidade e a conformidade de gênero como padrões normativos.

Genly Ai mostra desconfiança e desgosto por comportamentos que ele considera femininos em Estraven. Esse preconceito contra expressões de gênero não conformistas é um de homofobia internalizada, algo que a heteronormatividade sustenta e que os estudos querem desafiar.

A luta de Genly para aceitar a identidade de Estraven destaca a necessidade de desconstruir as normas rígidas de gênero e sexualidade. Os estudos queer, conforme mencionados por Louro (2004) buscam exatamente isso: expandir a compreensão das identidades além das categorias tradicionais e combater a homofobia resultante dessas normas.

Neste contexto, a teórica Judith Butler (2008), ao explorar a performatividade de gênero, argumenta que a identidade de gênero é uma construção social.

O fato de a realidade de gênero ser criada mediante performances sociais contínuas significa que as próprias noções de sexo essencial e de masculinidade ou feminilidade verdadeiras ou permanentes também são construídas, como parte da estratégia que oculta o caráter performático do gênero e as possibilidades performativas de proliferação das configurações de gênero fora das estruturas restritivas da dominação masculinista e da heterossexualidade compulsória (Butler, 2008, p. 201).

Diante disso, a teórica Judith Butler explora como a realidade de gênero não é algo fixo ou essencial, mas sim construído através de performances sociais contínuas. Ela argumenta que conceitos como sexo biológico essencial e masculinidade/feminilidade permanentes também são construções. Butler sugere que a ideia de gênero como algo fixo e natural serve para ocultar o caráter performático do gênero, impedindo assim que outras formas de gênero se proliferem além das estruturas dominantes da masculinidade e da heterossexualidade compulsória.

A Ursula K. Le Guin dialoga com o pensamento de Judith Butler ao problematizar a natureza das categorias de gênero. Le Guin apresenta um protagonista que, ao interagir com Estraven, um indivíduo de um planeta alienígena, tenta categorizá-lo com base nas concepções binárias de masculino e feminino. No entanto, ele percebe a inadequação dessas categorias para compreender a complexidade da identidade de Estraven, que transcende as normas binárias de gênero.

Butler ainda argumenta que o gênero não é algo pré-dado biologicamente, mas sim uma construção social e performática. Le Guin ilustra essa ideia através do conflito interno do protagonista, que tenta encaixar Estraven em categorias de gênero convencionais (masculino ou feminino), mas falha porque Estraven desafia essas categorias. A percepção do protagonista de que sua própria atitude pode estar distorcendo sua compreensão de Estraven reflete a crítica de Butler à rigidez das normas de gênero e à imposição de categorias que não captam a diversidade e a flexibilidade das identidades de gênero.

[...] quando encontrar um getheniano, não se pode e não se deve fazer o que um bissexual naturalmente faz, que é enquadrá-lo no papel de Homem ou de Mulher, enquanto adota, para com ele, o papel correspondente, dependendo de suas expectativas com respeito às interações padronizadas ou possíveis entre pessoas do mesmo sexo ou do sexo oposto. Todo o nosso padrão de interação sociossexual inexistente aqui. Eles não conseguem entrar no jogo. Não veem uns aos outros como homens ou mulheres. É quase impossível a nossa imaginação aceitar isso. Qual a primeira coisa que perguntamos sobre um recém-nascido? (Le Guin, 2014, p. 97-98).

Contudo, as normas e expectativas sociais em torno do sexo e gênero são contextuais e culturalmente determinadas. Le Guin parece desafiar a ideia de que as categorias binárias masculinas e femininas são universais ou necessárias em todas as culturas. Ela sugere que em certos contextos, como o descrito em seu livro, as pessoas não se enquadram nesses padrões sociais e, portanto, não aplicam automaticamente essas categorias aos outros. A pergunta sobre o que é perguntar primeiro sobre um recém-nascido ressalta a nossa tendência cultural de categorizar e rotular com base em características sexuais desde o nascimento.

Judith Butler (2001) argumenta que o “sexo” não é apenas uma característica biológica, mas uma norma cultural que determina como os corpos são reconhecidos e qualificados dentro de um contexto cultural. Ela enfatiza como essas normas de sexo são construídas e mantidas socialmente, influenciando a identidade e a inteligibilidade cultural das pessoas.

“sexo” é, pois, não simplesmente aquilo que alguém tem ou uma descrição estática daquilo que alguém é: ele é uma das normas pelas quais o “alguém” simplesmente se torna viável, é aquilo que qualifica um corpo para a vida no interior do domínio da inteligibilidade cultural (Butler, 2001, p. 155).

Butler explora como essas normas operam para definir e limitar identidades, enquanto Le Guin imagina um mundo onde tais normas podem não existir ou serem vistas de maneira diferente.

[...] Mas a diferença é considerável. Acho que a coisa mais importante, o fator isolado de maior peso na vida de alguém é se nasceu macho ou fêmea. Na maioria das sociedades esse fator determina as expectativas da pessoa, suas atividades, seus pontos de vista, sua ética e conduta... quase tudo. Vocabulário. Usos semióticos. Roupas. Até a comida. As mulheres... as mulheres tendem a comer menos... É extremamente difícil separar as diferenças inatas das aprendidas. Mesmo onde as mulheres participam, em igualdade com os homens, na sociedade, ainda são elas, afinal, que ficam grávidas e cuidam praticamente sozinhas da criação dos filhos...(Le Guin, 2014, p. 227).

Le Guin aborda as questões de gênero e as expectativas sociais associadas ao sexo biológico. Ela destaca como o simples fato de nascer homem ou mulher pode determinar significativamente as experiências de vida de uma pessoa. Ela aponta que em muitas sociedades, essas diferenças biológicas

influenciam não apenas as atividades e comportamentos esperados de indivíduos, mas também aspectos culturais como vocabulário, símbolos, vestimenta e até mesmo hábitos alimentares.

Além disso, Le Guin menciona a complexidade de distinguir entre diferenças naturais entre os sexos e influências apreendidas pela cultura. Mesmo em sociedades onde há uma maior igualdade de gênero, ela observa que as mulheres continuam a ser significativamente afetadas por responsabilidades biológicas como a gravidez e a criação dos filhos.

Nesse sentido, surge uma distinção importante entre performance ou desempenho e performatividade:

O desempenho ou performance pressupõe um sujeito, enquanto a ideia de performatividade pretende combater a própria noção do sujeito, enfatizando, em vez disso, os modos como a subjetividade é constituída em momentos históricos específicos como efeito de certos atos [...] a 'feminilidade' não deve ser entendida como a exteriorização de alguma essência inata e inerente; em vez disso, a feminilidade é produzida como efeito de determinados desempenhos com marca de gênero que são culturalmente codificados como femininos. A 'feminilidade' é uma construção cultural, maleável e impermanente; ela não pode ser entendida como algum tipo de essência preexistente que é exteriorizada como gênero [...] Se a identidade de gênero é definida como um efeito de múltiplas práticas culturalmente significativas, também a performatividade, como um modelo para a realização do gênero, está muito afastada de um modelo em que haja um forte senso de volição e agência separado de preconceitos e influências culturais" (Murphy, 2012, p. 447-448).

Murphy discute o conceito de performatividade de gênero, contrastando-o com a ideia tradicional de desempenho ou performance. Enquanto o desempenho implica a existência de um sujeito pré-existente que realiza certos papéis sociais, a performatividade questiona essa noção ao enfatizar que a subjetividade e identidade de gênero são constituídas por meio de práticas e atos específicos, em contextos históricos e culturais particulares.

Na obra *A Mão Esquerda da Escuridão*, a distinção entre performance e performatividade é claramente ilustrada através da experiência do protagonista, Genly Ai, em Gethen. Ao chegar no planeta, ele vê o gênero como uma característica fixa e imutável, uma perspectiva que se baseia na ideia de um sujeito com uma identidade pré definida. No entanto, essa visão é desafiada pela

realidade de Gethen, onde a identidade de gênero não é permanente. Em Gethen, os habitantes são predominantemente andrógenos e apenas assumem um gênero específico durante o período de kemmer, um fenômeno que contradiz a ideia de uma identidade de gênero essencial.

Gethen reflete a teoria da performatividade, na qual a identidade de gênero é entendida como um resultado de práticas culturais e sociais, e não como uma essência inata. Assim, a 'feminilidade' e a 'masculinidade' em Gethen são vistas como efeitos de performances culturais, em vez de características fixas. A experiência de Genly Ai ilustra como essas construções são flexíveis e dependentes do contexto cultural, revelando que a identidade de gênero é uma construção cultural maleável, e não uma essência imutável.

Observações de Genly Ai:

Era o superintendente da minha ilha; pensava nele como minha senhoria, pois tinha nádegas grandes que balançavam quando andava, um rosto gordo e afeminado e um jeito indiscreto, bisbilhoteiro, ignóbil, cordial. [...] Era tão feminino em aparência e modos que certa vez lhe perguntei quantos filhos tinha. Ficou carrancudo. Nunca tinha dado à luz. Entretanto, era genitor de quatro. Era um dos pequenos choques que eu sempre levava (Le Guin, 2014, p. 56).

O narrador descreve o superintendente da ilha com características que ele associa à feminilidade: nádegas grandes, um rosto gordo e efeminado, e um comportamento que ele percebe como indiscreto, bisbilhoteiro, e cordial.

O trecho mostra o choque do narrador ao assumir que certas características indicavam feminilidade e, ao perguntar ao superintendente quantos filhos ele tinha, recebe uma resposta inesperada: o superintendente nunca havia dado à luz, mas era pai de quatro filhos. Essa revelação desafia as expectativas do narrador e confronta Genly Ai com a complexidade da identidade do superintendente, que não se ajusta às categorias tradicionais de masculino e feminino.

Diante disso, Murphy argumenta que a "feminilidade" não deve ser vista como uma essência inata, mas sim como um produto de comportamentos e práticas culturais que são codificados como femininos em determinados contextos sociais. Isso significa que a feminilidade é uma construção cultural flexível e variável, não uma característica estática ou biologicamente determinada.

Além disso, Murphy sugere que a performatividade de gênero implica uma compreensão mais complexa e fluida da identidade de gênero, distante de modelos que presumem uma agência individual separada de influências culturais e preconceitos. Nesse sentido, a realização do gênero não é simplesmente uma questão de escolha individual, mas sim um processo influenciado por normas culturais e históricas que moldam as possibilidades de expressão de gênero.

Problematizam a ideia de que o gênero é uma característica biologicamente determinada ou uma escolha individual puramente voluntária. Elas sugerem que o gênero é uma construção complexa, influenciada por normas culturais e históricas, e que a expressão de gênero é moldada por práticas socialmente reconhecidas como adequadas para cada sexo.

A hipótese de um sistema binário de gêneros encerra implicitamente a crença numa relação mimética entre gênero e sexo, na qual o gênero reflete o sexo ou é por ele restrito. Quando o status construído do gênero é teorizado como radicalmente independente do sexo, o próprio gênero se torna um artifício flutuante, com a consequência de que homem e masculino podem com igual facilidade, significar tanto um corpo feminino como um masculino, e mulher e feminino, tanto um corpo masculino quanto um feminino (Butler, 2018, p. 26).

Butler está discutindo como a ideia de um sistema binário de gêneros implica na crença de que o gênero é determinado ou restrito pelo sexo biológico. Ela argumenta que ao conceber o gênero como algo independente do sexo biológico, isso permite que o gênero seja entendido como algo fluido e construído socialmente. Isso significa que termos como homem/masculino e mulher/feminino não estão rigidamente ligados a corpos específicos, podendo se referir igualmente a diferentes tipos de corpos. Esse ponto de vista desafia a visão tradicional que associa automaticamente identidade de gênero com características biológicas específicas. Sobre a importância da noção de corpo, Le Breton (2007) argumenta que:

O corpo como elemento isolável da pessoa a quem dá fisionomia só é possível em estruturas societárias de tipo individualista, nas quais os autores estão separados uns dos outros relativamente autônomos com relação a valores e iniciativas próprias. O corpo funciona como se fosse uma fronteira viva para delimitar, em relação aos outros a soberania da pessoa. Ao contrário, nas sociedades tradicionais e comunitárias, onde a existência de cada

um flui na presteza do grupo, ao cosmo, à natureza, o corpo não existe como elemento de individuação, como categoria mental que permite pensar culturalmente a diferença de um ator para outro, porque ninguém se distingue do grupo, cada um representando somente a singularidade na unidade diferencial do grupo (Le Breton, 2007, p. 30-31).

Em outras palavras, o argumento de Michel Le Breton é que a percepção e a importância atribuída ao corpo variam de acordo com o tipo de sociedade em que estamos inseridos. Em sociedades individualistas, como as contemporâneas, o corpo é visto como algo que define a identidade única de uma pessoa. É através do corpo que estabelecemos nossa autonomia e nos diferenciamos uns dos outros. Ele funciona como uma fronteira viva, separando cada indivíduo e marcando sua soberania pessoal em relação aos demais.

Por outro lado, em sociedades tradicionais e comunitárias, a concepção do corpo é diferente. Nessas sociedades, a existência de cada indivíduo está profundamente integrada ao grupo, à natureza e ao cosmos. Nesse contexto, o corpo não é percebido como um elemento de individuação separado, mas sim como uma parte integrante da comunidade. A singularidade de cada pessoa é reconhecida dentro da unidade do grupo, e não como uma categoria mental que permita uma distinção cultural entre os indivíduos.

Portanto, Le Breton argumenta que a forma como entendemos e valorizamos o corpo reflete não apenas aspectos biológicos, mas também os valores e estruturas sociais predominantes em nossa cultura e época.

O protagonista Genly Ai compartilha suas observações sobre as origens da fisiologia sexual dos gethenianos. Kemmer é um estado fisiológico que não está ligado a um sexo fixo, mas é determinado por uma série de fatores, incluindo interações sociais e contextos ambientais.

O ciclo sexual dura, em média, de 26 a 28 dias (eles tendem a falar em 26 dias, aproximando-o do ciclo lunar). Durante 21 ou 22 dias, o indivíduo é somer, sexualmente inativo, latente. Por volta do 18º dia, mudanças hormonais são desencadeadas pelo controle pituitário e, no 22º ou 23º dia, o indivíduo entra no kemmer, o cio. Na primeira fase do kemmer (ou secher, em karhideano), o indivíduo mantém uma aparência totalmente andrógina. O gênero ou a capacidade não se desenvolvem de forma isolada. Um getheniano, na primeira fase do

kemmer, se deixado sozinho ou na companhia de outros que não estão no kemmer, permanece incapaz de coito.

Contudo, o impulso sexual é tremendamente forte nessa fase, dominando a personalidade, submetendo todos os demais impulsos à sua vontade. Quando o indivíduo encontra um parceiro no kemmer, a secreção hormonal recebe novo estímulo (principalmente pelo toque... Secreção? Cheiro?), até que, num dos parceiros, ocorra a dominância hormonal masculina ou feminina” (Le Guin, 2014, p. 94).

Ao romper com a categoria de gênero através da introdução de seres que podem biologicamente transitar entre configurações masculina e feminina, Le Guin aproxima sua obra das teorias modernas. Ela não enfatiza nenhuma das configurações como a única forma de diferenciação ao alcançar isso. Assim, eliminar o marcador de gênero — isto é, simplesmente negar sua existência — é uma das estratégias de Le Guin para dismantelar a diferenciação de gênero. Quando o observador do romance *Genly Ai* faz anotações sobre os gethenianos, isso serve como uma ilustração dessa estratégia.

As sociedades são estruturadas para se adaptar ao ciclo do "kemmer", que é um período recorrente de intensa necessidade sexual. Durante esse ciclo, todos têm férias e ninguém é forçado a trabalhar, independentemente de sua posição. O acesso às casas de kemmer é garantido a todos, sem restrições sociais ou econômicas. No entanto, fora deste período, a maioria das pessoas não demonstra qualquer motivação sexual, o que é um aspecto difícil de compreender.

Embora o sexo tenha seu lugar e seja presente, ele ocupa um espaço separado na sociedade de Gethen. No cotidiano e na manutenção dessa sociedade, a sexualidade não é um aspecto predominante. Gethen é essencialmente uma sociedade assexuada (Le Guin, 2014).

Neste trecho, Le Guin descreve a sociedade de Gethen, onde todas as suas estruturas e práticas são moldadas pelo ciclo *somer kemmer*, que determina períodos de atividade sexual. Durante o kemmer, ninguém é obrigado a trabalhar e todos têm liberdade para participar, independentemente de sua posição social. No entanto, o que surpreende é que a maior parte do tempo, cerca de oitenta por cento, as pessoas não apresentam motivação sexual. Assim, apesar de haver

espaço para o sexo, a sociedade de Gethen é predominantemente assexual em seu funcionamento cotidiano e em sua estrutura social contínua.

No entanto, você não deve pensar num getheniano como uma pessoa “neutra”. Eles não são neutros. São potencialidades, ou integralidades. Na falta do “pronome humano” karhideano usado para pessoas em somer, devo dizer “ele”, pelos mesmos motivos por que utilizamos o pronome masculino ao nos referir a um deus transcendente: é menos definido, menos específico do que o pronome feminino. Entretanto, o próprio uso do pronome em meus pensamentos me leva, continuamente, a esquecer que o karhideano diante de mim não é um homem, mas um homem-mulher (Le Guin, 2014, p. 98).

Essa escolha de pronome continuamente leva o narrador a esquecer a verdadeira natureza dos gethenianos, que não são simplesmente homens, mas homem-mulher, destacando a dificuldade de escapar das convenções linguísticas e culturais em relação ao gênero.

A ideia é alcançada usando uma metáfora-a ideia de homem-mulher. Suas qualidades femininas implicam que homens e mulheres podem compreender um ao outro e compartilhar características do sexo oposto. Uma pessoa pode possuir tanto traços femininos quanto masculinos, portanto, não há necessidade de ver o sexo oposto como o Outro. Mesmo que possa ser desafiador resistir à influência de estereótipos de gênero e sexo socialmente construídos, e a ambissexualidade seja amplamente retratada na ficção, isso nos ensina que é possível que opostos coexistam, que barreiras de comunicação podem ser quebradas, e que podemos eventualmente caminhar em direção a uma sociedade na qual as diferenças sexuais biológicas não mais existam.

Na obra, Genly Ai diz:

Sozinho, não posso mudar seu planeta. Mas posso ser mudado por ele. Sozinho, tenho que escutar, além de falar. Sozinho, os relacionamentos que eu finalmente tiver, se tiver, não serão impessoais e nem somente políticos: serão individuais, pessoais, serão mais e menos que políticos [...] será que fui enviado sozinho por causa de vocês? Ou de mim? Não sei (Le Guin, 2014, p. 242).

Esse trecho citado reflete sobre a solidão e o impacto das interações individuais no contexto de uma missão diplomática. Genly Ai reconhece sua incapacidade de transformar um planeta inteiro sozinho, mas admite que ele

próprio pode ser transformado pelas experiências e pessoas que encontra. A passagem enfatiza a importância de ouvir além de falar, sugerindo que a compreensão e a empatia são fundamentais para o relacionamento humano.

Genly Ai percebe que os relacionamentos que eventualmente desenvolverá serão profundamente pessoais, e não apenas políticos.

Questiona o propósito de sua missão solitária, ponderando se foi enviado sozinho por causa das outras pessoas ou por causa dele mesmo. Essa dúvida ressoa com a temática da identidade e do autoconhecimento, comuns na obra de Le Guin, onde o isolamento pode servir como um meio de crescimento pessoal.

As experiências e transformações que Genly Ai vivencia em um mundo sem gênero não são adequadamente retratadas no romance de aventura. Genly se apaixona por Estraven, um getheniano que pode ser tanto masculino quanto feminino durante o kemmer, enquanto planeja sua fuga. Estraven parece introduzir o gênero “feminino” neste ponto do livro. Eles atravessam juntos a vastidão do Gobrin de Gelo. Considerado traidor por seu povo, Estraven ajuda Genly Ai a atravessar o gelo. A história de amor extraterrestre aparentemente irreal chega ao fim quando Estraven, atingido por um tiro durante o ataque, sacrifica sua vida para completar seu objetivo.

Vi, então, novamente, e de uma vez por todas, o que sempre tivera medo de ver e vinha fingindo não ver nele: que ele era uma mulher, assim como era um homem. Qualquer necessidade de explicar as origens desse medo desapareceu junto com o próprio medo; o que me restou, finalmente, foi a aceitação dele tal como era. Até então eu o rejeitara, recusara-lhe sua própria realidade. Ele estava totalmente correto quando disse que era a única pessoa em Gethen que confiava em mim, e o único getheniano de quem eu desconfiava. Ele tinha sido o único a me aceitar inteiramente como ser humano: que havia gostado de mim como pessoa, e me oferecera completa lealdade. E que, portanto, exigira de mim o mesmo grau de reconhecimento, de aceitação. Eu não estivera disposto a lhe oferecer isto. Tinha sentido medo de fazê-lo. Não queria oferecer minha confiança, minha amizade, a um homem que era mulher, uma mulher que era homem. Constrangido, explicou simplesmente que estava no kemmer e tentava me evitar, na Medida do possível. – Não devo tocá-lo – disse, com extremo embaraço; dizendo isto, virou o rosto. – Entendo – respondi. – E concordo (Le Guin, 2014, p. 238).

Esse trecho é um ponto de virada crucial para o personagem Genly Ai em “A Mão Esquerda da Escuridão”. Nele, Genly finalmente confronta e aceita a

complexidade da identidade de gênero de Estraven. Genly sempre teve medo de reconhecer a verdadeira natureza de Estraven, que é simultaneamente homem e mulher, devido à sua própria incapacidade de lidar com essa dualidade.

Ao perceber que sua rejeição e desconfiança eram baseadas em seu próprio medo e preconceito, Genly compreende que Estraven sempre o aceitou plenamente como ser humano e como amigo, sem julgamentos. Esse reconhecimento força Genly a enfrentar seus próprios preconceitos e a entender que sua relutância em aceitar Estraven era uma forma de negar a realidade e a identidade de Estraven.

Quando Estraven explica, constrangido, que está no kemmer e tenta evitar o contato físico, Genly finalmente entende e aceita essa explicação. Essa aceitação é um reflexo da transformação interna de Genly, que agora é capaz de ver e aceitar Estraven em sua totalidade, sem divisões ou preconceitos. Esse momento marca o ponto em que Genly aceita não apenas a identidade de gênero de Estraven, mas também a sua própria capacidade de superar seus medos e preconceitos, ampliando sua compreensão de identidade e aceitação.

Diante disso, Delumeau (2007) discute diferentes tipos de medo que afetam tanto indivíduos quanto comunidades. Além dos medos instintivos, como o medo do mar e da noite, e dos perigos concretos como terremotos e epidemias, o autor destaca os medos culturais, especialmente o medo do outro. Esse medo surge da apreensão provocada pela presença de pessoas diferentes de nós, que têm uma cultura e uma maneira de viver distintas. Essa falta de familiaridade pode fragilizar tanto indivíduos quanto sociedades, sendo um desafio persistente para a humanidade superar.

Ao lado das apreensões vindas do fundo de nós mesmos –medo do mar, da noite –, e daquelas motivadas por perigos concretos – terremotos, incêndios, epidemias, etc. –, devemos ceder um lugar aos medos mais culturais, que podem, igualmente, invadir os indivíduos e as coletividades, fragilizando-os. É o medo do outro. A raiz disso se encontra na apreensão provocada entre pessoas que não se conhecem, ou que se conhecem mal, que vêm de fora, que não se parecem conosco e que, sobretudo, não vivem da mesma maneira que vivemos. Falam uma outra língua e têm códigos que não compreendemos. [...] a humanidade terá, certamente, muito tempo ainda para combater esse medo do outro, forma particular do medo do desconhecido [...] (Delumeau, 2007, p. 46).

A citação de Delumeau sobre o medo do outro se relaciona diretamente com a experiência de Genly Ai, um enviado humano a um planeta alienígena, que se confronta com uma sociedade assexual, onde as normas de identidade e comportamento são radicalmente diferentes das suas próprias. Essa diferença cultural e a dificuldade em compreender e aceitar o outro, especialmente Estrevan cuja identidade e expressão de gênero são desafiadoras para Genly, refletem o medo do desconhecido mencionado por Delumeau.

Assim como Delumeau descreve, o medo do outro surge da apreensão provocada por pessoas que são percebidas como estranhas, que não compartilham dos mesmos costumes, língua ou códigos culturais. Genly experimenta esse medo ao tentar entender e interagir com os habitantes de Gethen, cuja sociedade desafia suas noções preconcebidas sobre identidade e sexualidade. A aceitação da identidade de Estrevan, que não se encaixa nos padrões binários de gênero de Genly, representa um desafio significativo para ele, ilustrando como o medo do outro pode afetar as relações interpessoais e culturais.

Em suma, o capítulo demonstra como a identidade de gênero é representada em “A Mão Esquerda da Escuridão” de Ursula K. Le Guin, baseando-se na teoria da performatividade de Judith Butler, bem como nas visões de Michel Le Breton e Murphy sobre a construção social do corpo e da feminilidade. Fica claro que os contextos sociais, culturais e históricos impactam o gênero e a identidade através da sociedade andrógina de Gethen e das experiências de Genly Ai. Essas observações questionam as noções convencionais de gênero, destacando a maleabilidade e a construção social da identidade. Elas também enfatizam a importância de reconhecer a diversidade de manifestações de gênero para compreender a essência da humanidade.

5 CONCLUSÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso teve como objetivo analisar a construção identitária do personagem Genly Ai na obra *A Mão Esquerda da Escuridão* de Ursula K. Le Guin, explorando as complexas questões de gênero e identidade no contexto de um mundo fictício.

Através da revisão da literatura, foi possível traçar um panorama da ficção científica, destacando sua relevância para a exploração de avanços científicos e suas implicações sociais. A obra de Le Guin se mostrou especialmente significativa por abordar temas como identidade e gênero de maneira inovadora e profunda.

No capítulo dedicado à identidade de gênero, utilizamos teorias de autores como Ciampa e Stuart Hall para entender a identidade como um fenômeno social, construído e reconstruído por meio de interações culturais e sociais. A análise focou nas experiências e transformações de Genly Ai, revelando como ele lida com

seus próprios estereótipos e preconceitos de gênero ao interagir com os habitantes ambissexuais de Gethen.

Os resultados da análise demonstraram que a construção identitária de Genly Ai é central para a compreensão da narrativa e das mensagens que Le Guin busca transmitir sobre diversidade, aceitação e a quebra de barreiras culturais e de gênero. Ao final, ficou evidente que as questões de gênero abordadas na obra têm uma relevância que transcende a ficção científica, contribuindo para debates contemporâneos sobre identidade e inclusão.

A importância deste estudo reside na sua contribuição para a compreensão das dinâmicas de identidade de gênero na literatura e na sociedade. Através da análise de uma obra literária, podemos refletir sobre nossos próprios conceitos e preconceitos, promovendo um entendimento mais profundo e inclusivo das diversas formas de identidade humana.

A compreensão da identidade na literatura moderna deve ser expandida por meio da investigação mais aprofundada das maneiras como identidades diversas e tensões internas se materializam em diferentes contextos culturais ou literários. Pesquisas adicionais que comparam diferentes escritores e locais para observar como a globalização e a interconexão afetam as identidades dos personagens em diversas obras literárias seriam fascinantes. Reflexões finais ressaltam a importância da identidade como uma noção flexível e complexa, moldada por influências sociais e culturais, resumindo as principais conclusões do estudo. Nossa análise oportuniza o conhecimento sobre a complexidade da identidade nas interações sociais modernas e na literatura.

REFERÊNCIAS

ARBO, Jade Bueno.; SILVA, Bruna Schneid da. A mão esquerda da escuridão, de Úrsula k. Le Guin, como experimento de Pensamento: uma investigação do fazer literário como fazer filosófico. Griot: **Revista de Filosofia, Amargosa** _ BA, v. 21 n.3, p.99-111, outubro, 2021.

ALLEN, David L. **No mundo da ficção científica**. São Paulo: Summus Editorial, 1974.

ASIMOV, Isaac. **No mundo da ficção científica**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1984.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE GAYS, LÉSBICAS, BISSEXUAIS, TRAVESTIS E TRANSEXUAIS. (2015). Identidade de Gênero. In F. Martins, L. Romão, L. Lindner, & T. Reis (Orgs.), **Manual de comunicação lgbt** (pp. 16-18). ABGLT. Disponível em: <https://unaid.org.br/wp-content/uploads/2015/09/Manual-de-Comunica%C3%A7%C3%A3o-LGBT.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2024.

BUTLER, J. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo*. In: LOURO, G. L. (Org.). **O corpo educado**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

BUTLER, J. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. 2 ed. Rio de Janeiro, 2008.

BUTHER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CARDOSO, Ciro Flamarion. 2006. "**Ficção científica, percepção e ontologia: e se o mundo não passasse de algo simulado?**" in *História, Ciências, Saúde – Manguinhos* 13: 17-37.

CARROL, N. **Science fiction, Philosophy and Politics: Planet of the Apes as a Thought Experiment**. *Ethical Perspectives*, v. 20, n. 3, p. 477-493, 2013. Disponível em: <https://poj.peeters-leuven.be/content.php?id=2992659&url=article.php>. Acesso em: 9 jan. 2024.

CIAMPA, A. da C. **Identidade**. In: LANE, S.T.M; CODO; W. (orgs). *O homem em movimento*. 5. Ed. São Paulo: Editora Brasiliense. P 59 – 75, 1987.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas Ciências Sociais**. Bauru: EDUSC, 1999. P. 177. CUCHE, Denys, op. Cit., p.182.

CUNHA, Fausto. **A ficção científica no Brasil: um planeta quase desabitado**. 2013. Disponível em: <https://marcianoscomonocinema.blogspot.com/2013/04/fausto-cunha-ficcao-cientifica-no.html>. Acesso em: 20 jun. 2024.

DELUMEAU, J. *Medos do ontem e de hoje*. In: NOVAES, A. (org.). **Ensaio sobre o medo**. São Paulo: Senac São Paulo, 2007.

DIAS, Carlos Melo; SILVA, Carlos Fernandes. *Teoria da Aprendizagem Social de Bandura na Formação de Habilidades de Conversação*. **Sociedade Portuguesa de Psicologia da Saúde – SPPS – www.sp-ps.pt**, 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.15309/19psd200108>. Acesso em: 12 jun. 2024.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**, tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1988. P. 12.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11ª ed., Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

KOHLBERG, L.(1998). **A cognitive-developmental analysis of children's sex-role concepts and attitudes**. In: Maccoby,E. *The development of sex difference's* (pp.82-177). Stanford, CA: Stanford University Press.

LE BRETON, David, 1953- **A sociologia do corpo** / David Lê Breton; 2. Ed. Tradução de Sônia M.S. Fuhrmann. – Petrópolis,RJ: Vozes, 2007.

LE GUIN, Ursula K. **A mão esquerda da escuridão**: tradução Susana L.de Alexandria. 2 edição. Ed. Ver. São Paulo: Aleph, 2014. 289 p.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós-estruturalista, Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

LOURO, G. L. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MURPHY, Ann V. “**Sexualidade**”. In: Fenomenologia e Existencialismo. DREYFUS, H.L.; WRATHALL, M.A. (Orgs.). Tradução de Cecília Camargo Bartalotti e Luciana Pudenzi. São Paulo: Loyola, 2012, p. 441-452.

SCHULTZ, D.P e SCHULTZ, S.E.(1998) **História da Psicologia Moderna**. São Paulo: Cultrix.

SUVIN, Darko. **Metamorphoses of Science Fiction**: On the Poetics and History of a Literary Genre. Yale University Press, London, 1979.